

O ESSENCIALISMO NOS PORTAIS DA CIVILIZAÇÃO,

Diálogo da poesia com a razão - ensaio em filosofia pré-socrática

Ensaio publicado: Filosofia, Ciência & Vida Especial – nº 2; Editora Escala, SP; Portal da Existência, p. 72 – aqui revisado e completado.

Régis Alain Barbier

O PORTAL

Viajar na direção pré-socrática requer um veículo sofisticado: o engenho do tempo-mítico. O deslocamento não é um movimento linear: o entendimento deverá ser reposicionado em outras coordenadas. Um encontro que exige receptividade, autonomia e confiança: distanciar-se das suas âncoras batismais requer método. Sugiro acompanhar essas instruções.

Ao portal da civilização, despeça-se dos filósofos basilares: Platão e Aristóteles. Sócrates officiará o rito de passagem: “fricciono os pés nas cinzas de acácia; a brisa levará o pó. Lave mãos e rosto; deixe secar a pele ao sol”. Oferte teus haveres: livros, relógio, anéis e medalhas. “Vista essa túnica” – falava o homem mais sábio de Atena - “agora, ô filósofo, inicia a travessia!”. Receoso do desconhecido, tu sentirás um calafrio caótico. A história retrocederá; num átimo, as iluminuras medievais, as imagens do oriente, como pergaminhos e tapetes, se dobrarão em rolos; as do Egito se aproximarão e se afastarão. Um cruzeiro grego, rosa dos ventos, orientará o horizonte simbólico.

A luminosidade dos azuis volatiliza a trama da causalidade; a criatividade sopra a poeira e o peso da memória. Deméter, mãe terra, envolta de céu e mar, povoada de vales e montes titânicos, resplandece: revela-se a beleza e esplendor do ambiente. O momento portentoso desata o entendimento metrificado em correntezas de saber, convertendo mitos em evidências. Depois de Deméter e Poseidon, Eros e Afrodite, chega Apolo, rei da luz solar;

Ártemis, lua no horizonte; Hermes, o mensageiro: o olímpico panteão. Nesse povo, vivendo à luz dos seus mitos e saberes, em cidades irmanadas ao longo de um litoral labiríntico, um sereno naturalismo comprova o seu império.

RAÍZES HISTÓRICAS

Dos Bálcãs, vieram os Aqueus, ramo antigo dos gregos (a cultura da espada, do homem a cavalo): invadiram o litoral, área de civilização cretense; cultura descrita por Aristóteles, séculos depois, como amável e benévola, “os servos desfrutavam privilégios de cidadãos”. Os cretenses, descontraídos, de ritos matrimoniais corteses, desfrutavam considerável liberdade (a cultura do cálice, da mulher e do touro). Desse encontro na Idade do Bronze, surgiram os Mecenas. Através de contatos seculares com os marinheiros mediterrâneos (os fenícios: comerciantes e divulgadores de arte, lendas e saberes da Ásia, África e Europa); do zelo pela sua própria herança cultural; do aporte de Creta: os Mecenas irradiaram séculos de rica influência cultural nas praias do Adriático e Egeu.

Outro grupo, os Dóricos, desalojados e migrantes, irrompeu, rachando a civilização micênica entre ‘áticos’ e ‘jônicos’. Os áticos integrariam a cultura da península, um dia destinada a se polarizar entre Esparta e Atenas. Mais independentes, os ‘jônicos’ rumam na direção oeste: mar Egeu. Na Jônia (agora Turquia), encontrariam uma geografia favorecendo as viagens marítimas e contatos comerciais; a formação de ‘polis’ como Mileto e Éfeso: circunstâncias propícias à boa convivência, à independência e consenso.

RAÍZES CULTURAIS

A gratidão de viver nessa região evidencia e ativa uma consciência natural e descontraída permitindo se reconhecer descendente da mãe terra, Deméter, e do manto celestial. Para o nativo dessa cultura, o Cosmos, objetivo e mítico, configura uma família de seres fascinantes: ‘sagrado’ é um sentimento cotidiano; encanta como a luz do mar. Héstia, deusa do lar, e Hera, protetora das mulheres, habitam o Monte Olimpo, entidade natural e surreal, assim

como a morada de cada um: o lar e o coração que ama. Um vínculo unitário imediato, tornando-se lógico secundariamente: quando pensado e descrito em versos e prosa, nessa ordem. Trata-se de uma harmonia causal e necessária; não acidental. A Jônia, ou a Iônia, é o berço onde a poesia uniu-se à razão, gerando o gênio humano: a razão dialogando em união com os versos de Homero e Hesíodo.

A formação mítica dos gregos, e possivelmente dos cretenses e outras tribos do mediterrâneo, tende a ser naturalista e integradora. Trata-se de um monismo espontâneo, nascido em boa terra e circunstâncias culturais, nas quais as distinções genésicas: 1) justificam a criação sem dicotomizar; 2) delimitam como fonte criadora o ato da distinção em si – ato da natureza ao alcance da cognição: cosmovisão cuja dimensão mítica é parte da decisão cotidiana. Simbologia integrando a existência humana ao universal. O mito monístico sela a unidade na dimensão onírica e psíquica do ‘in-divíduo’: união raiando em expressões poéticas, artísticas e técnicas. Na Jônia, essa fundação permitiu o surgimento de uma ética horizontal e natural, em decorrência: uma política comunitária e de conselhos. Um forte sentimento de unidade, um monismo, presente desde a formação e expresso na imaginação surreal da mitologia; fundamenta e sustenta um realismo imediato ou natural; permitindo divagações e abstrações até os limites mais abertos, criativos e extremos da realidade - mas, jamais extrapolando em visões quiméricas, sobrenaturalismos ou dogmatismos.

No berço da filosofia, há harmonia entre as esferas da mítica e da lógica: como duas mãos unidas, prevenindo sectarismos e radicalismos. Na direção das ontologias, nos limites do microcosmo e macrocosmo, no interior e exterior, em prosa e em verso: sabemos não poder conceituar o essencial de forma lógica. Mas, espantado e indagador, o sentimento primeiro de união existencial permite percepções criativas e renovadas, delineamentos provisionais (e até mesmo competitivos) do fundamento ou princípio unitário ‘arché’, jacente na natureza ‘physis’: ambos unidos no mistério do Estado de Ser.

A ANTIGA ESCOLA

Citações de Platão, Aristóteles, Heródoto, Diógenes Laércio, Hipólito e outros, muitas vezes repetidas, diversamente entendidas, servem de acesso aos pensadores da antiguidade.

Tales (625-558 a.C.), mercador de sal e azeite de oliva prospera, prevendo fenômenos meteorológicos e de mercado. Sabe matemática e astronomia, possui capacidade para prever o eclipse solar de 585 a.C.. Do alto, mede as distâncias separando navios no horizonte, a altura de uma pirâmide: triangulando proporções a partir de um bastão pré-mensurado e das sombras. Tales triangula criatividade à luz da matemática e dos mitos. “O Sangue derramado de Urano originou e gerou o grandioso; da espuma formada no mar, nasceu Afrodite”, canta o mito. De physis, ele escolhe a substância-água para teorizar e triangular uma demonstração do ‘arché’. Imagino Tales falando: “quando afirmo a natureza úmida; digo que a água é para a natureza próxima, e nossa, como aquele que é, na correta proporção, para todo o cosmo: é fluidez e ânimo; vida!”. Para Tales, o princípio de todas as coisas é água. “O morto resseca; de água até o fogo necessita; cheias de deuses estão todas as coisas”. “A água é o princípio, a terra, o Cosmos inteiro flutua”.

Anaximandro (c. 610-545 a.C.), 25 anos, e Tales, com 40 anos, observam juntos o eclipse de 586 a.C. Aluno de Tales é conhecido pelos seus gnômons (dispositivos indicando equinócio, solstício e meridiano). Teria escrito um livro e confeccionado um mapa-mundo. Anaximandro ensina a evolução das coisas e das espécies: “os animais nasceram do mar, e o homem se formou, no princípio, dentro de peixes, onde se desenvolveu e donde foi expulso logo que se tornou suficiente para bastar-se a si próprio”. Para Anaximandro, o princípio aquoso, de Tales, ‘sinaliza’ a fonte. As essências das substâncias água, ar, terra e fogo ainda não são, para ele, simples o suficiente para justificar arché, o conceito unitário. Imagina essa quaternidade se sublimando numa quintessência criativa, um silencioso vazio, o ‘arché propriamente dito’, ou “to ápeiron”: o infinito. Cogitar o infinito sem rodear é desposar o núcleo caótico,

no clímax da poesia mítica e da razão: é ‘ser natureza-cósmica’, gerando a partir dessa fonte, sem sofismar, ética, moral e saber humanista. “Ápeiron não é nenhum dos elementos, mas uma natureza infinita, da qual nascem todos os céus e os mundos; mas é, naquilo mesmo de onde provém geração para os seres, que ocorre a destruição segundo o que deve ser; pois eles se fazem mútua justiça (...)”. ‘Justiça’ para ele é o reencontro com o que inteira e completa: o ciclo da vida, por si, justifica-se, por nós se qualifica. Anaximandro faz recordar o conceito dos naturalistas chineses, o Caminho, princípio criador, sintetizador e harmonizador.

Podemos imaginar os três em Mileto: Tales, 60 anos de idade; Anaximandro, 45 anos; e Anaxímenes, 20 anos (c. 585-525 a.C.). Este escreveu um livro que deverá também se perder. Dedicava-se ao estudo da meteorologia e astrologia; cogita a lua como refletindo o sol. Com ele, o princípio passa a ser um processo: um vir a ser. A fluência e ânimo de Tales se reveste de infinito alento: pneuma-ápeiron. O princípio aeróide (como arché) transmuta a fluidez infinita da natureza (physis) num dinamismo: de ar a fogo até éter e infinito; e de ar a vento, nuvem, água, sais e terra.

Agora descrito e declamado, o Logos, ato de ser com toda a estética, lógica e intuição, já opera em direção a uma cultura universal. O discurso dos pré-socráticos não analisa a silogística de ser ou não ser. Intenso e intuitivo, transporta a cognição, em prosa e versos, até o limite dos atos de fala, motivando, com razão qualificada - em arte, ciência e consenso -, um ato de ser universal: uno, ciente e virtuoso. Trata-se da aplicação existencial do mito unitário vertendo água, ar, alento e infinito respeito na comunidade humana.

IRRUPÇÃO

Reinava na Pérsia Cyrus II (580-529 a.C.) aliado à hierarquia zoroástrica: seita órfica recém fundada preceituando a antítese ‘mal-bem’ como princípio absoluto, transcendental e determinador; anunciando a vitória final do bem, mas condicionada à obediência, normas e prescrições reveladas. Cyrus iniciou um grande movimento de conquista: através da Lídia derrotada (em 546 a.C.)

controlava a Jônia, colocando tiranos pró-persas na liderança das cidades. Uma tentativa de revolta, iniciada pelos milésios, resultou em invasão formal. Embora considerado um ‘ditador condescendente’, numa perspectiva incluindo a conquista posterior da Babilônia, a cidade de Mileto sofreu ferozes represálias: incêndios, massacres, escravizações e deportações. A partir das regras impostas, iniciou-se um lento expurgo almejando adequar usos e costumes às normas da religião de estado: o começo histórico de um crônico combate às escolas de filosofia. Nesse momento, a cultura grega sofre modificação de consciência mítico-ideológica, justificando-se a denominação “Escola Jônica Antiga”, ou de Mileto, versus “as novas escolas pré-socráticas” – a Jônica Nova; Eleática e Itálica, ou Pitagórica.

Compreendemos que os antigos percebiam-se em conjunção unitária na natureza-‘physis’ como expresso e refletido nos mitos. A mudança impositiva abalou a congruência do mito original, desafiando a sua força prescritível. É esse o ambiente ideológico-mítico antípoda das ‘escolas novas’ em relação à ‘escola antiga’. Poucos distinguiam; o resultante de escolhas, entendimentos e possibilidades humanas; do princípio unitário e natureza, positivamente apreendido, experienciado com congruidade, adequadamente expresso em palavras e atos: isso é o Logos. ‘Logos’ como razão manando poesia e prosa em sintonia com ‘arché’ e ‘physis’. Refletindo um estado de miséria e dominação, a cultura popular tende a absorver os dogmas do orfismo; mas não os escolares. Esses superam as imposições teológicas, superpondo extensões racionais e metafísicas - perspectivas filosóficas -, jamais subordinando, como na Idade Média, a luz natural da razão à ‘fé cega’ (credo quia absurdum; creio porque é absurdo); mas sim, cobrindo os abusos com os ditames da crítica criativa.

AS NOVAS ESCOLAS

Tales falecera havia uma década; Anaximandro, no período da invasão. Anaxímenes viveria ainda vinte anos. Plausivelmente, por isso, denota-se nele, repensado em termos naturalistas, transcrições de influências religiosas orientais, onde o princípio central é a ‘respiração cósmica’ (na doutrina mais

idealista de Atmã). Nesse espaço resumido, estudaremos: 1) Heráclito de Éfeso (c.544-484 a.C.), integrante da Escola Jônica Nova; 2) Parmênides, da Escola Eleática; e 3) Pitágoras, da Escola Itálica.

Heráclito (c.540-480), da linhagem do fundador de Éfeso, renuncia ao título honorífico de rei, preferindo, nesse tempo de ocupação, se dedicar à ciência e Filosofia. Para ele, o princípio (arché) da natureza (physis) é um fluxo transmutativo: conciliação e equilíbrio dinâmico entre polos. Um processo refletindo em todas as dimensões; um fluir envolvendo a natureza e o ser na totalidade das formas, de acordo com um ritmo. Por isso, no ordenamento próprio, a montanha é destinada a ser vale, e o vale, montanha; o céu a ser terra, a terra, céu: um movimento imperceptível à visão comum. Com firme tenacidade, diz: “ser-deserto é igualmente não-ser deserto; ou ser oposto: isto é ser-mar”, esse mar azul é branco da Grécia jônica. Na formulação mais essencial: “o ser é não-ser”. Heráclito sabe transcender as definições redutoras demonstrando apenas um lado e momento da grande completude. Com fogo, criativo, ele tritura e dissolve os ordenamentos racionais do momento histórico entregando-os ao rio Cósmico, reencontrando a unidade original. Vivendo simplesmente, junto à fonte de um rio, anuncia a realidade do fluxo, escrevendo em tábuas de ouro depositadas aos pés da deusa natureza: “o ser é unidade, a unidade é a identidade dos contrários, e os contrários são os que se excluem e se complementam mutuamente”. Muitos compreendem o filósofo; mas, inaptos a viverem longe dos afazeres da pólis, consideram a palavra como visão apropriada para deuses.

Parmênides nasceu em Eléia, sul da Itália atual. Possível aluno de Anaximandro de Mileto e Xenófanes, outro emigrado vindo da Pérsia. Para ele, nessa busca do princípio unitário, três mundos se intersectam: a esfera natural (physis); a esfera política (polis); a esfera da razão lógica e poética onde o princípio se define (arché). Flutuando no ânimo descrito por Tales; inspirando o ar de Anaxímenes, Parmênides, régio como torre de marfim, austero como mosteiro, sublime como um palácio de cristal, guiado pelas etéreas Virgens do Sol, afasta-se do mundo em busca do “áperion” de Anaximandro. Já na redoma, meditando ‘physis’ (metafísicimos), ele se

descobre, como uma estátua de mármore branco, no centro uno da esfera absoluta: os movimentos da vida acontecendo como reflexos, além da translucidez. Parmênides vapora o mundo sensorial num tecido uniforme e diáfano, com o qual constrói um balão; transforma-se no ar translúcido, e, assentado no ponto central da insuflação cósmica, declara com firmeza: “é preciso dizer e pensar o que é o ser, pois existe, sim, um ser absoluto e imutável”. A seguir segue declamando o seu poema: “Jamais poderá existir força de constrangimento que faça ser aquilo que nada é!”.

Pitágoras (c. 570 - 496 a.C.), nascido em Samos, uma ilha da Jônia, emigra para Crotona, Calábria, e funda a Escola Itálica. É o pensador que mais diverge da tradição filosófica: conhecedor dos ritos e disciplinas dualistas, persas e outros, organiza a escola em comunidades semelhantes a conventos. Contudo, ele faz jus à tradição Jônica, as suas pesquisas astronômicas e matemáticas resultam em conhecimentos práticos (como o Teorema de Pitágoras); elabora uma doutrina na qual os princípios matemáticos se tornam agentes criadores. Para ele, as coisas se revelam e realizam como transcrição dos números. Os números, delimitando o indefinido, parecem agir como hoje se entende a função do R.N.A mensageiro: transcrevendo coisas. “Ímpar” é considerado limitado e perfeito; “par”, ilimitado e imperfeito nos seus potenciais. Pitágoras imagina o conjunto dos números como espírito surreal do Logos, necessariamente transcrevendo infinito em finito, é o pensador - como mais tarde os cabalistas - atribuindo substância surreal às suas abstrações e aprendendo a dominar a arte de calcular, reveste-se da força de um ‘mago-mensageiro do divino’. Decorrendo: o filósofo dotado de vontade, razão e conhecimento, é quem está apto a fazer de si o mensageiro dos deuses.

CONCLUIMENTOS METAFÍSICOS

A filosofia, na sua fase pré-pérsica: 1) cuida de arquitetar sabedoria à luz da razão natural; na sua fase pérsica e pré-socrática: 2) de consolidar e afirmar o saber naturalista desafiado. A questão, então problematizada, converge na primeira distinção mítica genésica vislumbrada nos confins e limites da razão mais abstrata, no ponto mais intenso e concentrado da meditação, quando

revela-se o campo eidético, onde os conceitos não mais se sustentam, transmutando-se em imagens. Na configuração mitológica órfica, dualista, talvez por apego amedrontado a uma racionalidade mais prosaica, calculista, o princípio (arché) tende a ser excluído, tornando-se incompreensível e inalcançável, perde-se contato com o conhecimento : a distinção separa 'criador' e 'criatura', deixando o ser sem rumo imediato, angustioso e carente, suscitando irrealismo sectário e irracional, idealismo dogmático, formações de sinais imaginados exógenos, alienantes – no sentido hegeliano. Na mitologia monista, panteísta, a compreensão, extensa ao extremo, rende-se ao conhecimento eidético, fenomenológico, princípio (arché) permanece ao alcance, em inserção, apreendido de imediato, contemplado, comungado nas relações e trocas, orientando o ser: a distinção justifica a criação sem separar, ou dicotomizar, suscitando atos criativos centrados e em harmonia com a natureza, motivando um sentimento de inclusão e adequação. Ambos os experimentos, racionais nas suas raízes, na origem, no core e intenção, investem-se de formações míticas nas brotaduras mais extremas, refletindo um rito de passagem nas raias da compreensão, na fronteira do ignoto, onde a razão mais abstrata em busca de saber se dissolve. Concepções diversas, gestando assentamentos metafísicos divergentes, opostos, talvez complementários, iniciando o surgimento de cosmovisões produtivas, e, por decorrência, ações, mundos, férteis ou não, na dependência do seu valor de verdade.

RB – Aldeia; 2007